

O tricentenário da "Gazeta"

foi, ontem, comemorado, no Pôrto, 10-12-1941 pela Casa da Imprensa e do Livro com uma conferência sobre a origem dos jornais e uma exposição dos periódicos antigos e da actualidade

O Porto associou-se, com uma manifestação brilhante, às comemorações do tricentenário do aparecimento do primeiro periódico português — «A Gazeta» — iniciativa louvável do Sindicato Nacional dos Jornalistas, que, com a realização, na capital, de várias solenidades e exposições, levou ao conhecimento do grande publico o valor e a força da Imprensa e os progressos por ela efectuados durante as ultimas décadas.

A Casa da Imprensa e do Livro, em concordancia com o organismo que agrupa os jornalistas profissionais portugueses, promoveu, ontem, a noite, na sua sede, á rua Rodrigues Sampaio, uma sessão comemorativa, que decorreu com grande brilho e num agradável ambiente espiritual.

Entre a assistência, numerosa e selecta, viam-se figuras de relevo nos meios literário, artistico, científico e do jornalismo do Porto.

Assumiu a presidência o sr. dr. Guilherme Pacheco, presidente da assem-

Emitiu algumas considerações acerca da praga das garras jornalísticas, citando algumas das mais engraçadas. Referiu oportunos conceitos sobre os jornais, cujos dez mandamentos, a exemplo do que fizera quanto aos jornalistas, indicou, referiu o significativo acto dum jornal japonês quanto á história do Mundo feita através da Imprensa, e concluiu por afirmar que o sagrado fogo que queima e devora quantos trabalham no jornalismo será bendito, «se ele puder, agora e sempre, dar um pouco mais de luz e de calor ao Mundo...».

Ao terminar o nosso colega Hugo Rocha recebeu calorosa ovação da assistência.

Apreciando o trabalho do conferente, o sr. dr. Alfredo de Magalhães teceu-lhe os mais lisonjeiros encômios, classificando-o de lição admirável que a todos deu largo prazer espiritual pela leveza da forma e dos conceitos.

Foi, depois, encerrada a sessão pelo sr. dr. Guilherme Pacheco, que dirigiu



A mesa que presidiu à sessão, vendo-se o nosso colega Hugo Rocha no uso da palavra

bleia geral da Casa da Imprensa e do Livro, ladeado pelos srs. dr. Manuel de Lemos e D. Ana Guedes da Costa, representantes da Camara Municipal do Porto; dr. Octávio Nascimento e Brito, consul do Brasil no Porto; D. Maria Isabel Guerra Junqueiro, Raul Esteves dos Santos e Santos Carvalho, presidentes do Sindicato Nacional dos Tipógrafos do Distrito do Porto.

Aberta a sessão, o sr. dr. Alfredo de Magalhães, presidente da Casa da Imprensa e do Livro, anunciou que, a convite daquela colectividade, o nosso colega Hugo Rocha ia proferir uma conferência subordinada ao tema: «Como surgiram os jornais no Mundo e em Portugal», complemento da que realizou, há anos, sobre: «Os jornalistas vistos por um jornalista».

Depois de falar sobre o objectivo da sessão — comemorar o aparecimento em Lisboa, há três séculos, do primeiro periódico português — encargo que a Casa da Imprensa e do Livro aceitou gostosamente, o sr. dr. Alfredo de Magalhães fez a apresentação de Hugo Rocha, classificando-o de jornalista ilustre e de escritor cintilante. Analisando a sua obra como jornalista e como escritor em prosa e verso, disse que Hugo Rocha vem realizando uma obra que não é propriamente de um «reporter», mas sim de um homem de letras que, como o provam as suas crónicas sobre a viagem do dr. Armindo Monteiro á Africa, procura interessar os seus concidadãos nos problemas espirituais e materiais da nacionalidade.

Dirigiu-lhe, em nome da Casa da Imprensa e do Livro, uma saudação muito calorosa, afirmando que, pela sua personalidade moral e pelo seu labor literário, o conferente vem prestando notáveis serviços ao País e á cidade do Porto.

Depois de ter agradecido as referências do sr. dr. Alfredo de Magalhães e aludido ao significado da comemoração com que a Casa da Imprensa e do Livro, em boa hora, se associara ás solenidades nacionais do tricentenário da «Gazeta» da Restauração, o conferente aludiu á sua conferência sobre «Os jornalistas vistos por um jornalista», que tinha o necessário complemento no que ia dizer sobre «Como e quando surgiram os jornais no Mundo e em Portugal». Demonstrou, em seguida, como, nalguns dos grandes poemas cíclicos da humanidade, havia já jornalismo embriónico, citando, a propósito, Homero, Camões e Dante. Idêntica tese defendeu quanto aos Evangelhos e á própria «entrevista» de Moisés com Deus.

Tratando dos princípios do noticiário, mo, referiu o que se passava no Egito faraónico, na Grécia clássica e na Roma de César, aduzindo algumas opiniões autorizadas acerca já da pre-história, já da história do «jornalismo» antigo. Evocando a invenção atribuída a Gutenberg, manifestou a opinião de que o maior impulso para a criação do jornalismo foi dado pelas guerras do tempo. Aludiu, especialmente, ás relações que circundaram em grande parte da Europa civilizada e deteve-se na referência ás folhas volantes venezianas e romanas, que deram origem ao nome de gazeta, popularizado pela primitiva Imprensa europeia. Esboçou o conferente o panorama do noticiário europeu, com alusão ás bulas pontificias que reprimiram os abusos dos «scrittori d'avis» e «novellanti» ou «gazzettanti», ás «nouvelles à la main» francesas e ás «news letters» inglesas. Depois de se ocupar, rapidamente, do jornalismo chinês, que tem foros da maior antiguidade, derivou para a obra jornalística do médico francês Teofrasto Renaudot, que considera o precursor mais representativo do jornalismo actual.

Ocupando-se do aparecimento das «Gazetas» e «Mercurios» em Portugal, nos meados do século XVII, esboçou a história do jornalismo português, merecendo-lhe citações especiais o modo por que era feito o noticiário antigo. Nos jornais de outrora transitou para os de agora, comentando, a propósito, as razões da limitada expansão da nossa Imprensa actual e verberando mais hábitos nacionais determinantes daquela.

saudações ao Sindicato Nacional dos Jornalistas e á Casa da Imprensa e do Livro, dizendo do trabalho do conferente que foi uma bela pedra preciosa.

Uma exposição de jornais antigos e da actualidade

Em algumas salas da Casa da Imprensa e do Livro, foi inaugurada, também em comemoração do tricentenário da «Gazeta», uma interessante exposição de jornais antigos e da actualidade. Na exposição figuram, entre outros os seguintes jornais: «Gazeta Literária» (1761) — o primeiro jornal publicado no Porto, segundo uma nota esclarecedora devida a Alberto Bessa, que o ofertou á antiga Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto; «Mercurio Português» (1666); «O Correio Mercantil e Económico de Portugal» (1700); «Amocreve das Petas» (1797); «Minerva Lusitana» (1808); «O Correio da Tar-

de» (1809); «Gazeta de Lisboa» (1814); «Astro da Luzitania» (1820); «O Correspondente Constitucional»; «O Patriota»; «O Portugal Constitucional»; «O Patriota Português», todos de 1821; «O Analysta Português» (1822); «A Trombeta Luzitana» (1822); «O Director» (1824); «Paquete Estrangeiro» (1826); «A Trombeta Final» (1827); «O Periódico dos Portuguezes» (1830); «Folha de Annuário» (1830); «A Guarda Avançada» (1835); «O Raio» e «O Trovão» (1836); «O Luzitano» e «A Estrela» (1837); «O Theatro dos Povos»; «Atalaya Nacional e Theatros» (1838); «O Eco» e «O Luzitano» (1843); «O Commercio (Jornal de Notícias)» (1850); «O Cysne do Mondego» (1850); «O Mundo Elegante» (1859); «O Facho» (1864); «O Tejo» (1867); «República Portuguesa» (numero saído exactamente no dia 31 de Janeiro de 1871).
Jornais officiais — «Diário Nacional» (1820); «Diário da Regência» (1821); «Boletim do Exército» (1836); «Boletim Oficial» (1892); o 1.º numero do «Diário do Governo» da Republica; «Diário da Junta Governativa do Reino de Portugal» (1919), etc.
Jornais humorísticos — Entre os jornais humorísticos antigos e modernos que guardam as janelas figuram numerosos de «A Paródia»; «Cocoróco»; «O Riso da Vitória»; «Off-Side»; «Maria Rita»; «Miau!», «O Thalassa»; «Sempre Fixe»; «Pirolito»; «Os Ridículos»; «A Algarazara»; «O Microdrá»; «Charivari»; «O Servete»; «A Choldra»; «O Porto por um canudo»; «Os pontos»; «O Pai Paulino», etc., com interessantes caricaturas devidas aos lápis de Rafael Bordalo Pinheiro, Cunha Barros, Jorge Barradas, Filipe Rey, Octávio Sérgio, Leal da Camara, Amarelhe Cristiano de Carvalho, Jorge Colaço, Francisco Valença, Botelho, Cruz Caldas, Sebastião Sanhudo, Eduardo Faria Afonso, Manuel Monterroso, A. Silva Simões Junior, etc.
 Na exposição figuram todos os diários que se têm publicado no Porto, todos os que se publicam actualmente em Portugal, vendo-se os primeiros numeros de «O Comercio do Porto», «Diário de Noticias» e «Jornal de Noticias», os numeros comemorativos do 50.º aniversário dos três diários portuezes, inúmeros periodicos politicos, literários e de critica, panfletos, curiosos numeros dos diários do Porto e Lisboa, noticiários notáveis acontecimentos historicos da vida portuguesa, jornais de novos, de escolas e colégios, numeros únicos, numeros ilustros, collecções de revistas e jornais editados, etc.
 Entre os jornais da Provincia, estão representadas entre outras, as seguintes terras, com jornais antigos e modernos: Albergaria-a-Velha, Amarante, Arraial de Arraiolos, Aveiro, Barcelos, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Carnide, Cartaxo, Coimbra, Cucujães, Espozende, Estoril, Fafe, Faro, Felgueiras, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Ilhavo, Leca da Palmeira, Matosinhos, Oliveira de Frades, Oliveirinha, Ovar, Povoas de Lanhoso, Régua, Setubal, Sintra, Valença, Viana do Castelo, Vieira do Minho, Vila Nova de Famalicão, Vila Nova de Gaia, etc.
 Igualmente estão expostos diversos jornais das nossas colonias e ilhas.